



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[affectio@antares.udea.edu.co](mailto:affectio@antares.udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
ISSN (versión impresa): 2215-8774  
Colombia

2012

Rita Maria Manso de Barros & Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça  
**ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PERVERSÃO ESTRUTURAL NA MULHER**

Revista Affectio Societatis, Vol. 9, N° 17, diciembre de 2012

Art. # 12

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

# ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PERVERSÃO ESTRUTURAL NA MULHER<sup>1</sup>

Rita Maria Manso de Barros<sup>2</sup>  
Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo é baseado na dissertação de mestrado intitulada "Há mulher na estrutura perversa?" (2012), que se propõe a discutir a existência de mulheres estruturalmente perversas de acordo com as contribuições de Freud e Lacan. Para isso, buscamos entender o conceito de mulher, feminino e feminilidade para a psicanálise assim como estudar os limites entre a perversão polimorfa e a estrutura perversa. Através destas definições, questionamos o que impossibilitaria as mulheres desmentirem a castração.

**Palavras-chave:** perversão, psicanálise, mulher, feminino.

## SOME QUESTIONS ON WOMAN'S STRUCTURAL PERVERSION

### Abstract

This article is based on the thesis entitled "Is There a Woman in the Perverse Structure?" (2012) which proposes to discuss the existence of structurally perverse women according to Freud's and Lacan's contributions. For this purpose, we seek to understand the concepts of woman, feminine, and femininity in psychoanalysis as well as to study the

<sup>1</sup> Artigo baseado na dissertação de mestrado intitulada "Há mulher na estrutura perversa?", de Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça e orientada pela Dra. Rita Maria Manso de Barros, defendida em 2012 pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e tendo contado com bolsa CAPES.

<sup>2</sup> Psicanalista. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Diretora do Instituto de Psicologia da UERJ. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ. Professora associada da UNIRIO. [ritamanso@globo.com](mailto:ritamanso@globo.com)

<sup>3</sup> Psicanalista. Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ. Professora substituta da UERJ. [ligia.mendonca@gmail.com](mailto:ligia.mendonca@gmail.com)

boundaries between the polymorphic-perverse manifestation and the perverse structure. Through these definitions, we wonder what prevents a woman to deny castration.

**Keywords:** perversion, psychoanalysis, woman, feminine.

## QUELQUES QUESTIONS SUR LA PERVERSION STRUCTURELLE CHEZ LA FEMME

### Résumé

Cet article est fondé sur le travail de mémoire intitulé « Y a-t-il des femmes dans la structure perverse? » (2012), qui propose de discuter l'existence de femmes structurellement perverses, selon les contributions de Freud et de Lacan. Pour ce faire, nous cherchons à comprendre le concept de femme, de féminine et de féminité à partir de la psychanalyse et aussi à étudier les limites entre la structure perverse et la perversion polymorphe. Grâce à ces définitions, nous nous demandons ce qui empêche les femmes de nier la castration.

**Mots-clés:** perversion, psychanalyse, femme, féminin.

## ALGUNAS CUESTIONES SOBRE LA PERVERSIÓN ESTRUCTURAL EN LA MUJER

### Resumen

Este artículo está basado en la tesis titulada "¿Hay mujer en la estructura perversa?" (2012), que se propone discutir la existencia de mujeres estructuralmente perversas desde las contribuciones de Freud y de Lacan. Para ello, buscamos comprender el concepto de mujer, femenino y feminidad según el psicoanálisis, así como estudiar los límites entre la manifestación polimorfa-perversa y la estructura perversa. Con estas definiciones, nos preguntamos qué impide a una mujer negar la castración.

**Palabra-llave:** perversión, psicoanálisis, mujer, femenino.

Recibido: 24/07/12 Evaluado: 06/08/12 Aprobado: 26/08/12

## O problema

A pergunta que sustenta a pesquisa desenvolvida neste artigo corresponde a um desassossego. Diversos autores psicanalíticos afirmam que não há mulher estruturalmente perversa, pois ela não teria como desmentir (*Verleugnung*) a castração. O que impossibilitaria a existência de mulheres perversas? Nas palavras de Freud (1931/2006): a menina vê, sabe que não tem, que nunca teve, e que jamais poderá vir a ter o pênis/falo, o que impediria à menina o uso do mecanismo característico da perversão.

Este encontro com o Real marcaria as diferenças sexuais entre o masculino e o feminino. Esta diferença de posição de cada um, já identificado ao seu sexo (sou menino ou sou menina), sobretudo porque a linguagem, o grande Outro, já os fala no masculino ou no feminino, determina a forma como cada um vivenciará o momento, sempre traumático, de se deparar com o limite. É a linguagem, que habita o corpo, a responsável pelo caminho da identificação com um ou outro sexo. A crença no falô, como vemos, é comum a ambos os sexos: um acredita *ter*, a outra sabe que jamais o terá e começa a tentar *ser* para o outro que supõe tê-lo. Desta forma, o recurso do mecanismo do desmentido, base da entrada na estrutura perversa, seria impossibilitado às meninas: elas não têm como fugir ao encontro com o real da castração, só lhes restando o recalque ou a forclusão da falta fálica.

Então, neste artigo compartilharemos com os leitores nossas indagações sobre a possibilidade de existir mulheres estruturalmente perversas. Propomos dois pontos de trabalho, ancorados em Freud e Lacan: o primeiro que versa sobre feminilidade, feminino e mulher, já que os termos não são meros sinônimos; o segundo trata da perversão-polimorfa e da estrutura perversa, procurando diferenciar atos perversos da estrutura propriamente dita. Antes passaremos por alguns excertos que sustentam e dimensionam a questão.

Freud, ao relatar casos de diferentes perversões, só se atinha a exemplos do sexo biológico masculino (exceto em 1909 quando incluía todas as mulheres na categoria de fetichistas de vestimentas), como podemos observar em *Sobre a gênese do fetichismo* (1909/1992), *O problema econômico do masoquismo* (1924/2007) e *Fetichismo* (1927/2007). Entretanto, os exemplos citados nestes textos não tratam de posicionamento feminino, pois, se fosse uma questão de posicionamento, encontrar-se-iam mais facilmente relatos de mulheres (biologicamente falando) perversas. Logo, percebemos um impasse relativo à anatomia que há ao relacionar perversão e mulher.

Abordando primeiramente o fetichismo, paradigma da perversão, Lacan (1956-1957/1995) afirma que “o fetichismo é excessivamente raro na mulher, no sentido próprio e individualizado em que ele se encarna num objeto que podemos considerar como respondendo, de uma maneira simbólica, ao falo como ausente” (Lacan 1956-1957/1995:156-157). Posteriormente, Valas (1990:114) reafirma ao seu modo a posição lacaniana pontuando que “[...] as grandes posições perversas são devolvidas ao homem, e não à mulher. A razão para isso seria a seguinte: a mulher não pode desmentir a castração, pois está marcada em seu próprio ser pelo seu selo”. Antes de adentrarmos na questão da mulher perversa, primeiramente precisamos definir o que é uma mulher.

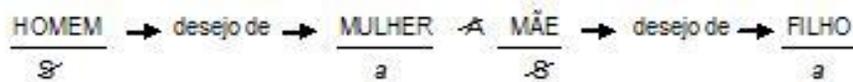
### Feminilidade, feminino e mulher

Feminilidade, feminino e mulher não são de forma alguma sinônimos e frequentemente são alvos de algumas confusões teóricas. Lembramos que a feminilidade é, para Freud (1931/2006; 1933 [1932]/2006), uma das três linhas de desenvolvimento possível da menina ao descobrir-se castrada. A feminilidade só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê. Já Lacan, através da elaboração de metáfora paterna, demonstra uma divisão entre a mãe e a mulher.

Em *R.S.I.* (1974-1975), Lacan apresenta uma nova versão para a metáfora paterna, feita a partir do *objeto a*. Segundo Costa (2010:70), uma das definições do pai a partir do *objeto a* pode ser referente à *père-version*<sup>4</sup>: “um pai só tem direito ao respeito e ao amor se põe em jogo seu desejo perverso em relação à sua mulher, quer dizer, se fizer de uma mulher o objeto pequeno *a* que causa seu desejo”. Ainda, a versão do pai, orientação do seu desejo para a mulher mãe de seus filhos, desestabiliza a alienação imaginária em que a criança se identificava ao falo materno, assegurando a castração materna, a divisão da mãe, “pois, ao apontar a mulher na mãe, o que o pai põe em jogo é o enigma da mulher que a mãe não pode suprir, sendo a mulher um limite na mãe” (Costa, 2010:71). Todavia, a mãe quer o falo, quer colocar o filho neste lugar, como nos lembra Lacan (1956-1957/1995) ao afirmar que não há nada mais característico na relação de objeto pré-edipiana do que o nascimento do objeto como fetiche. A mãe está no lugar do sujeito masculino —adotando o quadro das fórmulas da sexuação de Lacan (1972-1973/2008), que será destrinchado mais à frente— do sujeito desejante que busca o objeto do seu gozo (a criança). É válido ressaltar que a mãe não está completamente situada no lugar do sujeito masculino visto que ela não está totalmente inscrita na função fálica, pois o lado mulher faz um limite à mãe *todo-fálica*. Sem este limite, a mãe pode fazer do seu filho objeto da sua

<sup>4</sup> Em francês, há uma homofonia que permite compreender esta expressão como “versão do pai” ou “perversão”.

perversão. Sendo a mulher a única capaz de barrar a mãe, a criança, por sua vez, não está necessariamente na posição de preencher completamente a sua falta, pelo contrário, é a falta que faz a mulher, que há na mãe, remeter seu filho ao pai. Logo, a função paterna preserva a criança de ser tudo para a mãe assim como a mãe voltando à posição de mulher, passa a desejar outras coisas além do filho. Desta forma, o matema elaborado por Marie-Jean Sauret, Bernard Nominé e Pierre Bruno (1997 *apud* Costa, 2010: 73) ilustra a versão do pai, a *père-version*, responsável por barrar a mãe (assegurando a não existência d'A mulher nem da *mãe-toda*) e vincular os três personagens edípicos:



**Gráfico 1** (Costa, 2010: 73)

Portanto, o filho é causa de desejo perverso para a mãe, assim como a mulher é causa de desejo perverso para o homem. E enquanto para Freud não há disjunção entre a maternidade e a feminilidade, o mesmo não ocorre para Lacan, o que alimenta nosso questionamento.

Para tratar do feminino, é interessante resgatarmos a obra freudiana *À guisa de introdução ao narcisismo*<sup>5</sup> (1914/2004). Nela, Freud denomina duas escolhas de objeto: por veiculação sustentada (*Anlehnungs*, em alemão, mas também traduzida para o português como “anaclítica”) e narcisista. A primeira escolha é caracterizada pelo apoio das pulsões sexuais no processo de satisfação das pulsões do eu e, conseqüentemente, as pessoas envolvidas com a alimentação, o cuidado e a proteção da criança se tornam seus primeiros objetos sexuais (a mãe, geralmente). O sujeito ama aquele que dele cuida e protege. Já a escolha narcísica envolve a própria imagem; o sujeito procura a si mesmo como objeto de amor, uma vez que ele ama como é amado, e se é amado é porque é adoravelmente amável! Freud ressalta que os dois tipos de escolha de objeto estão acessíveis aos sujeitos, mas há sempre a prevalência de uma sobre a outra. Lacan desmitificará a escolha anaclítica, afirmando todo amor é sempre narcísico: amo no outro o que eu sou, ou o que eu fui ou como eu gostaria de ser (Freud, 1914/2004).

<sup>5</sup> Essa é a tradução proposta por Luiz Alberto Hanns do texto de Freud *Zur Einführung des Narzissmus* (1914), na nova edição das Obras Psicológicas de Sigmund Freud feita pela editora Imago.

Não obstante, Freud indica que há diferenças fundamentais nas escolhas objetais feitas pelo sexo masculino ou pelo sexo feminino. O amor objetal pelo tipo de escolha por veiculação sustentada é característico do homem (masculino), exibindo acentuada valorização sexual que se origina do narcisismo original (primário), correspondendo a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Para Freud, essa supervalorização sexual é a origem do estado de uma pessoa apaixonada, ocorrendo um empobrecimento da libido do eu em favor da libido objetal. No caso das mulheres, a escolha objetal é do tipo narcísica. De acordo com a teoria freudiana, a puberdade traz para as mulheres uma intensificação do narcisismo original, ocasionando uma dificuldade na estruturação de um amor objetal regular. Elas amam a si mesmas com uma intensidade comparável ao amor dos homens por elas. Suas necessidades não estão na direção de amar e sim, de serem amadas.

Freud afirma que nas mulheres narcísicas, cuja atitude é de distância com o objeto amoroso, o caminho que as leva para a escolha objetal é o da maternidade: “a criança que gerarão apresentar-se-á diante delas como se fosse parte de seu próprio corpo, na forma de outro objeto, e, assim, partindo de seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhe todo o seu amor objetal” (Freud, 1914/2004:109). As mulheres que não precisam esperar por uma criança para darem o passo do narcisismo secundário ao objetal são aquelas que antes de chegarem à puberdade se desenvolveram de modo masculino, mas, quando este desenvolvimento é interrompido (devido ao período de maturação da feminilidade), elas almejam nostalgicamente um ideal masculino. “Dessa forma, Freud trata neste texto do masculino e do feminino de um ponto de vista econômico, ou seja, o masculino investe em maior quantidade libidinal no objeto e o feminino investe maior quantidade libidinal no eu” (Costa *et al.*, 2010:1).

Mais adiante, Freud (1923/2006:161) pontua que é relevante “manter em mente quais as transformações sofridas, durante o desenvolvimento sexual da infância, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados. A primeira antítese é introduzida com a escolha de objeto, a qual, naturalmente pressupõe um sujeito e um objeto”. No estágio de organização genital sádico-anal a antítese entre ativo e passivo é a dominante e não existe ainda a questão de masculino e feminino. No momento seguinte da organização genital infantil existe masculinidade, mas não feminilidade, já que só há um órgão genital e a antítese se configura em tê-lo ou ser castrado. E somente na puberdade que a polaridade sexual coincide em masculino e feminino. Na elaboração freudiana, a masculinidade combina os fatores de sujeito, atividade e posse do pênis, enquanto que a feminilidade é caracterizada pela passividade e os fatores de objeto. É, porém, necessário advertir que essas articulações não restringem a mulher à posição passiva —até porque para chegar a um fim passivo é

necessário uma grande atividade— nem o homem numa posição exclusivamente ativa, como Freud nos ensinou (1933 [1932] /2006).

Neste momento, mostra-se pertinente focar na nota de rodapé acrescentada por Freud em 1915 no tópico intitulado *A diferenciação entre o homem e a mulher* no seu texto de 1905 (2006) para nos ajudar nos esclarecimentos quanto à utilização dos termos propostos:

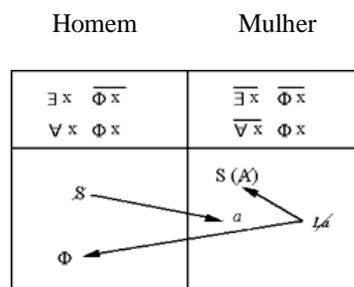
Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido da *atividade e passividade*, ora no sentido *biológico*, ora ainda no sentido *sociológico*. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável pela psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de “masculino” e “feminino”, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui, masculino e feminino caracterizam-se pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. [...] O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de dependerem deles (Freud, 1905/2006:207-208).

Esta importante nota destaca três aspectos principais do que define o sexo: o biológico, o psicológico e o sociológico. O biológico, comumente apoiado em cariótipos, tem em nossos dias algumas contestações. Como exemplo, citamos os trabalhos da bióloga e geneticista Anne Fausto-Sterling (2006), sustentando que a divisão da espécie humana em dois grupos sexuais não é um fato natural, já que detectou a existência de cinco sexos fisiológicos, os dois já conhecidos e dominantes e outros três: hermafroditas (*herms*) e os pseudohermafroditas, com cariótipos XX (*ferms*) ou XY (*merms*). O ponto de vista psicológico, centrado no par atividade como sendo uma característica masculina e passividade como sendo feminina, também em nossos dias não seriam em si suficientes para definir um homem ou uma mulher. Vivemos uma era em que nunca houve tantas mulheres ativas! Também nunca houve tantos homens passivos! O discurso capitalista leva-nos, todos, homens e mulheres a produzir mais e mais, para consumir mais e mais, ainda. O aspecto sociológico tem em nossos dias o apoio na discussão da diferença de gêneros.

É no texto sobre *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/2006:111) que Freud retoma e complementa, também numa nota de rodapé, que o sexo constitui um fato biológico que apresenta extrema importância na vida mental, por mais que seja difícil apreendê-lo psicologicamente. Todos os seres humanos possuem atributos pulsionais tanto masculinos quanto femininos e, embora anatomicamente seja possível indicar características de masculinidade e de feminilidade, na psicologia isso não acontece. Para esta última, o contraste entre

os sexos se desvanecem num contraste entre atividade e passividade, no qual identificamos a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade, opinião esta que, por sua vez, não pode se confirmar no reino animal onde, por exemplo, é conhecida a atividade da leoa e a placidez do leão, enquanto aguarda o resultado da caça da fêmea.

Lacan (1972-1973/2008) vai reinterpretar a noção freudiana para reformular a diferença entre a posição feminina e a masculina a respeito da partilha dos sexos através do quadro das *fórmulas quânticas da sexualização*, que reproduzimos em seguida.



**Gráfico 2** (Lacan 1972-1973/2008: 4)

Para Lacan, assumir a posição de homem ou de mulher requer a passagem por um processo que ele chamou de sexualização. Para compor as suas fórmulas quânticas, ele se inspirou na lógica aristotélica e a reinterpretou, utilizando o caráter binário de “para todo x” ou “não-todo x” para inserir o sujeito todo na função fálica ou não-todo na função fálica.

Qualquer ser falante se inscreve em um dos dois lados deste quadro, sendo que o mesmo sujeito poderá alternar estar de um lado e depois no outro, devendo, contudo, privilegiar um dos lados. Nele, a coluna da esquerda descreve a estrutura da posição masculina na sexualidade, enquanto a outra se refere à posição feminina. Esta divisão corresponde a uma posição dos sujeitos no discurso, e não à diferença anatômica entre os sexos. O que determina a posição do sujeito é a maneira pela qual ele se insere na função fálica, como castrado ou não, como tendo ou sendo o falo.

Em ambos os lados há duas equações. No lado masculino, podemos lê-las da seguinte forma: a primeira significa que existe ao menos um (homem) que não é castrado - o Um pai de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/1974). É dele que se forma o conjunto dos homens; de uma exceção que se faz o universal. A segunda demonstra que todos os homens estão na função fálica, e é isso que define a posição masculina. Já no lado

feminino, a primeira equação é entendida como: não existe ao menos uma (mulher) que seja não castrada, ou seja, não existe ao menos uma que faça exceção para fazer o conjunto das mulheres. O significante *d'A mulher* não existe; elas só podem ser contadas uma a uma. “[...] é impropriamente que o chamamos de a mulher, pois, como sublinhei da última vez, o a de a mulher, a partir do momento em que ele se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever. Aqui, o artigo a só existe barrado” (Lacan, 1972-1973/2008: 86-87). A última equação, absurda nos termos da lógica, nos diz que todas as mulheres não estão na função fálica, no entanto, elas têm relação com a mesma. Por isso que, no quadrante feminino, uma das setas aponta ao Falo<sup>6</sup>, indicando sua relação com o lado masculino, o que nos permite ler, segundo Lacan (1972-1973/2008), que o homem não é mais que um significante para a mulher, aquele que tem como valor portar o falo. A outra seta nos leva ao significante da falta de significante no Outro. Como Lacan afirma, “o Outro não é simplesmente esse lugar onde a verdade balbucia. Ele merece representar aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação” (Lacan, 1972-1973/2008: 87). Isso significa que há um gozo para além do falo, um gozo suplementar, um Outro gozo que não tem representação significativa, ex-siste (é da ordem do real); é inefável e corporal. “Encontramos também na indicação dessa seta, justamente, nesse lugar, opaco, do Outro gozo, o gozo místico” (Martinho, 2011: 129). Por isso Lacan alega (1972-1973/2008) que a mulher tem mais relação com Deus.

Por conseguinte, o lado masculino é aquele chamado todo fálico e o feminino é o não-todo fálico. Devemos atentar que um sujeito irá se alinhar do lado homem ou do lado mulher de tal forma que as mulheres podem ocupar a posição do todo fálico, assim como os homens podem estar do lado não-todo fálico, independentemente do sexo anatômico. Dito de outra maneira, a distinção feita por Lacan entre o todo fálico e o não-todo fálico corresponde ao modo de gozo do sujeito. “As fórmulas da sexuação de Lacan demonstram, com clareza, uma disjunção da identidade sexual (do ser homem ou mulher) tanto na anatomia e no registro civil como na escolha do objeto” (Martinho, 2011:135).

Desta forma, entendemos claramente que mulher não é sinônimo de feminino, e que a divisão inconsciente dos sexos não significa divisão anatômica, mas divisão na linguagem. No entanto, não devemos excluir a importância da anatomia, pois é o que nos permite subjetivar, possibilitando a inserção na cultura, ainda que ela sozinha não garanta a nossa organização psíquica. Apostamos, então, que uma mulher do ponto de vista biológico, ocupando o lado masculino, todo fálico, poderia desmentir a castração e ser incluída na estrutura perversa. Todavia, quando escutamos o posicionamento de muitos psicanalistas, que podem aqui ser repre-

---

<sup>6</sup> “[...] nós o designamos com esse Falo, tal como eu o preciso por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico” (Lacan, 1972-1973/2008:87).

sentados por Patrick Valas (1990:114) ao colocar que “[...] as grandes posições perversas são devolvidas ao homem, e não à mulher”, é evidente que se está privilegiando a biologia quando se exclui as mulheres da estrutura perversa. A dificuldade em discorrer sobre mulheres perversas não recai quando tratamos da perversão-polimorfa, e sim da perversão enquanto estrutura. É este ponto que trataremos no próximo tópico.

### **Perversão: da polimorfia à estrutura**

Segundo Askofaré (2006), a perversão-polimorfa tem dois sentidos: inicialmente é um momento da posição do sujeito, pois, devido à falta da primazia do falo, a criança só dispõe das pulsões sexuais parciais como modos de acesso ao gozo. Assim sendo, a principal característica da perversão polimorfa é a de ser um regime de gozo. Mas ela também é uma predisposição a todas as perversões, como um traço universal e original do ser humano. Freud atenta em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) que as transgressões perversas são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias. Em circunstâncias favoráveis, essas pessoas podem substituir o alvo sexual ‘normal’ por alguma perversão.

A perversão enquanto estrutura clínica só se refere à uma ‘tomada de posição’ frente à castração, também atuando como uma defesa. Por isso que Freud denomina de desmentido (*Verleugnung*) o mecanismo utilizado pelos perversos perante o horror da castração, com o que falta, onde a percepção da castração materna é negada. É a dominância da renegação na orientação da subjetivação que constitui o mecanismo que justifica a perversão estrutural.

Se em 1905 Freud identificava a perversão com a monotonia da satisfação de um desejo pela via do gozo fálico, utilizando apenas um único objeto de satisfação, em 1927 ele pôde concluir que a perversão é a crença no falo materno, “o desmentido da castração, a recusa de reconhecer que falta alguma coisa ao Outro, por mais que no fundo o sujeito saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro (é somente o sujeito psicótico que não o reconhece, forcluindo essa falta)” (Alberti, 2005:27). Desta maneira, é a partir do simbólico que podemos fazer o diagnóstico diferencial por meio dos três modos de negação da castração do Outro, correspondentes às três estruturas clínicas. Na perversão, o que se nega é conservado no fetiche.

É no texto *Fetichismo* (1927/2007) que Freud esclarece o fetiche como um substituto do pênis da mulher, atuando como triunfo sobre a ameaça de castração e também como uma proteção contra a mesma. Contudo, sua função de tamponar a falta e proteger o sujeito contra a castração não proporciona o esquecimento deste horror. Há um compromisso intermediário perante o conflito entre a percepção indesejada da realidade e a

força de seu contradesejo de recusar (*Verleugnung*) a castração; o eu se cinde permitindo reconhecer o perigo real e renunciar à satisfação pulsional ao mesmo tempo em que renega a realidade e busca a satisfação pulsional, como foi afirmado em *A cisão do Eu no processo de defesa* (1940 [1938]/2007). Vale ressaltar que essa “divisão do Eu” não é particular ao fetichismo e não ocorre apenas na renegação (*Verleugnung*), mas ela pode ser encontrada em outras situações onde o eu se defronta com a necessidade de construir uma defesa, como por exemplo, no recalque (*Verneinung*).

Sendo assim, podemos compreender a perversão fetichista enunciada por Freud —a busca por um substituto para o pênis materno— como uma tentativa de abolir a diferença, o desejo do Outro. Lacan (1956-1957/1995:154) indica que o fetiche é símbolo de alguma coisa, “mas que ficaremos sem dúvida alguma decepcionados com o que ele nos vai dizer”, já que essa alguma coisa é, mais uma vez, o pênis. Porém, não se trata do pênis real, mas o pênis na medida em que a mulher não o tem: não se trata em absoluto de uma falo real na medida em que, como real, ele exista ou não, mas de um falo simbólico, unicamente na medida em que ele está ou não está ali, pois é assim que se instaura a diferença simbólica entre os sexos. Ou seja, para Lacan (1956-1957/1995), a menina não possui o falo real, no entanto, no plano simbólico, ela o tem, e é isso que permite entendermos a idéia da castração de Freud. Conseqüentemente, o menino que seria sempre fetichista e nunca a menina.

Neste mesmo seminário Lacan demonstra o esquema do fetichismo (1956-1957/1995: 84), através do qual se percebe que a mulher, enquanto mãe, busca na relação com seu filho uma completude a partir do falo (objeto imaginário). Sem a interdição paterna, a criança, a partir de um deslocamento imaginário, fará a escolha fálica, identificando-se com a mãe. O funcionamento desta operação decai na falha da metáfora paterna.

Sendo o falo o símbolo único, privilegiado e preciso do objeto fetiche, seria possível afirmar que o fetichista busca uma saída imaginária através de um símbolo para negar a falta no Outro —castração simbólica— embora saiba perfeitamente que falta alguma coisa ao Outro. Neste caso, uma mulher não teria como negar a falta no Outro?

Não podemos esquecer que o falo é um significante que não tem significado (Lacan, 1972-1973/2008:87); ele não é uma fantasia, nem um objeto, tampouco o órgão que ele simboliza: o falo é um significante que só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, “como signo, ele mesmo, da latência com que é cunhado tudo o que é significável, a partir do momento em que é alçado (*aufgehoben*) à função de significante”

(Lacan, 1958/1998: 699). Safouan (1977) alega que embora a imagem fálica pareça realizada no pênis, não haveria fantasia, desejo, nem projeção se o pênis não fosse marcado por sua oposição ao impossível: impossível que seja falo. Pommier (1987) ainda sepulta de uma vez por todas qualquer confusão existente entre falo e pênis ao afirmar que reduzir a angústia de castração à descoberta da nudez do corpo feminino tem como mérito a clareza e a simplicidade. Mas uma “falta” (*sic*) só adquire significação sobre o fundo da presença potencial do símbolo fálico. Portanto, pode-se afirmar com todas as letras que o falo não é o pênis! Sabemos que não há sujeito sem linguagem, e ambos estão, por sua vez, intimamente interligados com o conceito de significante, portanto, acreditamos ser possível para uma mulher colocar como significante fálico qualquer outra coisa que não o pênis. Logo, ela poderia desmentir a castração do Outro - já que este processo não envolve o pênis - e simbolizar qualquer imagem como fálica, desde que guarde a significação de completude.

A mulher foi associada à perversão através da relação de objeto pré-edipiana, onde Lacan localiza o nascimento do objeto como fetiche com o esquema do fetichismo. É importante ressaltar que, nesse caso, a mãe está no lugar do sujeito masculino — adotando o quadro das fórmulas da sexuação de Lacan (1972-1973/2008) — do sujeito desejante que busca o objeto do seu gozo (a criança). E se o lado mulher não fizer limite à mãe todo-fálica, essa mãe pode fazer do seu filho objeto da sua perversão. A mulher também é aproximada à perversão pelo matema de Sauret, Nominé e Bruno (1997 *apud* Costa, 2010), onde o filho é causa de desejo perverso para a mãe, assim como a mulher é causa de desejo perverso para o homem.

Pois bem, até agora tratou-se apenas da perversão fetichista. Os “pares de opostos” sadismo-masochismo e *voyeur*-exibicionista são mais facilmente associados à pulsão do que o fetichismo. No entanto, “tudo leva a crer que o fetichismo parece aliar de modo sutil a pulsão de vida à pulsão de morte, introduzindo no campo do gozo fálico, sexual, uma porção de gozo ilimitado da pulsão de morte” (Jorge, 2010:166). Sabe-se que o objeto sexual mantém uma ligação com o objeto incestuoso primordial. Mas, no caso do fetichismo, tal ligação adquire um valor particular onde a sexualidade retira a sua força do empuxo mortífero da pulsão. O retorno ao inanimado — metáfora utilizada para explicar a vocação inerente à pulsão de retornar a um estado anterior de quietude, referente ao mais além do princípio de prazer— se traduz aqui, segundo Jorge (2010), em retorno ao objeto primordial. É nesse sentido que a perversão fetichista é muitas vezes transfigurada de forma intensa em necrofilia, isto é, uma paixão sensual pelo objeto enquanto morto, separado do corpo vivo, como nos casos de fetiche por sapato, cabelo, peça íntima etc. Ainda, pode-se observar na paixão fetichista uma pode-

rosa negação (*Verleugnung*) da morte, ao vir a afirmar nela algo inerente à vida, algo que desperte a paixão sensual.

Já as perversões caracterizadas pelos “pares de opostos” revelam igualmente uma vigorosa conexão entre as pulsões sexuais e as de morte. Nelas, o gozo parcial, sexual, fálico, é arrebatado pela pulsão de morte, seja de forma mais ou menos intensa.

O sadismo enquanto perversão foi colocado por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) como uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos infligidos ao objeto sexual e, posteriormente, será acrescentado que “não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual concomitante” (Freud, 1915/2007:154). Inicialmente, Freud acredita no sadismo enquanto fenômeno primário e o masoquismo como um retorno do sadismo a própria pessoa, como indica tanto em 1905 quanto em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2007). Já em *Além do princípio de prazer* (1920/2006) Freud reformula sua teoria sobre o sadismo e o masoquismo, mas seu desenvolvimento mais completo será feito em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2007).

No trabalho metapsicológico de Freud sobre as pulsões (1915/2007), a essência da pulsão é descrita de acordo com as suas principais características: fonte, pressão, meta e objeto. A fonte da pulsão é o corpo e ela se manifesta como força constante objetivando sempre a satisfação, no entanto, ela nunca é alcançada, pois o sujeito está submetido às leis que particularizam o ser falante devido a sua passagem pela castração. O objeto é variável, pois não há o objeto primordial e sim objetos substitutivos, através dos quais a pulsão alcança seu objetivo. Quando há uma *fixação* (*Fixierung*) da pulsão ao objeto, sua mobilidade fica comprometida, podendo nos remeter ao caso do perverso, cuja satisfação da pulsão ocorre de uma só maneira.

Quanto aos destinos da pulsão, os que se mostram interessantes a este trabalho são: a) a transformação em seu conteúdo; b) o redirecionamento contra a própria pessoa. O primeiro se desmancha em dois processos: redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade —exemplificado pelos pares de opostos sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo— e na inversão do conteúdo (amor/ódio). Já o segundo reafirma a proposta de 1905, onde o masoquismo seria nada mais que o sadismo voltado para o próprio eu. A principal característica deste destino da pulsão é a troca de objeto sem a alteração do objetivo, da meta. O perverso está submetido à exigência pulsional para não se deparar com o horror frente ao real traumático da castração, velando, assim, a castração do Outro, pois acredita que esta lhe seria mortal.

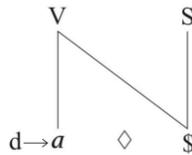
Em 1920, Freud relembra que, inicialmente, havia reconhecido um componente sádico na pulsão sexual, e que ele poderia se tornar independente e dominar a totalidade do empenho sexual da pessoa, assumindo, assim, a forma de perversão. Esse mesmo sadismo também poderia emergir como pulsão parcial predominante em uma das organizações psíquicas pré-genitais. Todavia, ao constatar que Eros busca conservar a vida e uma pulsão sádica visa prejudicar o objeto, Freud passa a conjecturar o sadismo como a pulsão de morte que a libido narcísica afastou do eu de modo que esta pulsão só consegue se manifestar no objeto. Sendo assim, a pulsão de morte, agora na forma sádica, passa a servir à pulsão sexual. O masoquismo, pulsão parcial complementar do sadismo, era então entendido como redirecionamento do sadismo contra o próprio eu. Freud logo entende sua antiga formulação como limitada, abrindo a possibilidade de existência de um masoquismo original que emana do eu.

Quatro anos mais tarde (1924/2007), o masoquismo é apresentado sob três formas, são elas: masoquismo moral, articulado à norma de comportamento e, assim, ao sentimento de culpa inconsciente; o masoquismo feminino, onde as fantasias masoquistas colocam o indivíduo numa posição caracteristicamente feminina de castração como também apontam para o infantil, o primitivo da vida psíquica; e o masoquismo erógeno, que jaz também nas outras duas formas, é o prazer-derivado-da-dor; ele se apresenta como uma condição imposta à excitação sexual. Ele pode ser justificado constitucionalmente e biologicamente, mas Freud mesmo afirma que esse é um ponto ainda obscuro para a psicanálise.

Entretanto, Lacan (1968-1969/2008) preocupa-se em articular os “pares de opostos” freudianos à voz e ao olhar, ao invés de relacioná-los à atividade e à passividade da pulsão. Desta forma, a intenção do exibicionista é fazer aparecer o olhar no campo do Outro; ele zela pelo gozo do Outro. “É no nível desse campo, campo do Outro como desertado pelo gozo, que o ato exibicionista se coloca, para ali fazer surgir o olhar. É nisso que vemos que ele não é simétrico ao que acontece com o *voyeur*” (Lacan, 1968-1969/2008: 246). Para o *voyeur*, o essencial é interrogar no Outro o que não se pode ver. Se o olhar está relacionado ao desejo ao Outro —é o que se espera do Outro—, a voz se refere ao desejo do Outro, ao que se recebe do Outro. É a partir da compreensão do que acontece com a função do *objeto a* efetivada pela voz como suporte da articulação significante que é possível conceber a função do supereu. Enquanto o sádico tenta completar o Outro roubando-lhe a fala e impondo-lhe sua voz, o masoquista faz da voz do Outro “aquilo a que dará a garantia de responder como um cão” (Lacan, 1968-1969/2008:249); há um gozo na reposição da função da voz no Outro.

Com a análise de Lacan sobre as obras de Kant e Sade (1966/1998), aprendemos que o perverso está no campo da Lei (castração do Outro), responsável por fundar o desejo. No entanto, tanto o desejo quanto a Lei

formam uma barreira em relação ao gozo, e este, por sua vez, é essencial ao perverso para tapar o furo do Outro que ele insiste em desmentir. Desta maneira, Lacan (1966/1998:786) imprime o seguinte esquema para demonstrar a fantasia sadiana, relacionando o perverso com a sua vítima:



**Gráfico 3** (Lacan, 1966/1998:786)

É movido por seu desejo (d) que o perverso se coloca na posição de *objeto a* —gozo— onde se serve de instrumento de uma vontade de gozo absoluto (V), dividindo o seu parceiro entre a submissão à voz imperativa e a revolta contra os maus tratos infligidos (sujeito barrado). É necessário que a ‘vítima’ do perverso se coloque nesse lugar submisso, mas não consinta com ele. André (1995) demonstra que a manobra de Sade visa produzir um sujeito mítico, nunca atingido, um puro sujeito do prazer (S). É se desidentificando do lugar de sujeito que a castração se desmente, pois não há sujeito que não sofra o efeito da castração. E não seria possível uma mulher se desidentificar do lugar de sujeito e desmentir a castração, assim como faz um homem?

A pergunta que move este artigo continua nos inquietando. Questionamos se uma mulher, identificada ao lado masculino na fórmula da sexualização lacaniana, não teria como recurso *falicizar* qualquer outra coisa que não o pênis para negar a falta no Outro. Seria a percepção da ausência do pênis suficiente e exclusiva para que seja vetada às mulheres a estrutura perversa?

### Referências bibliográficas

- Alberti, S.** (2005) A perversão, o desejo e a pulsão. In: *Mal-estar e subjetividade*, vol. 5, n. 2 (pp. 341-360). Recuperado de: <<http://www.unifor.br/notitia/file/980.pdf>>.
- André, S.** (1995) *A impostura perversa*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Askofaré, S.** (2006) La perversion généralisée. In: *Les réalités sexuelles et l'inconscient* (pp. 219-226). Paris, Francia: EPCFCL.
- Costa, A. et al.** (2010) O amor, o feminino e a escrita. In: *Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, 4. ( pp. 1-6). Congresso Brasileiro de Psicopatologia, 10, Recuperado de: <[http://www.fundamentalpsychopathology.org/material/congresso2010/mesas\\_redondas/MR68-Valdelice-Nascimento-de-Franca-Ribeiro--Maria-Aimee-Laupman-Ferraz-e-Ana-Maria-Medeiros-da-Costa.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/material/congresso2010/mesas_redondas/MR68-Valdelice-Nascimento-de-Franca-Ribeiro--Maria-Aimee-Laupman-Ferraz-e-Ana-Maria-Medeiros-da-Costa.pdf)>.
- Costa, T.** (2010) *Édipo*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.

- Fausto-Sterling, A.** (2006) *Cuerpos sexuados: la política de género y la construcción de la sexualidad*. Barcelona, España: Melusina.
- Freud, S.** (2006) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. VII, pp.119-231). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S.** (1992) Sobre a gênese do fetichismo. *Revista Internacional da história da psicanálise*, n. 2, (pp. 371-387). (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S.** (1974) Totem e Tabu. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. XIII, pp.13-194). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- Freud, S.** (2004) À guisa de introdução ao narcisismo. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. I pp. 95-131). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S.** (2004) Pulsões e destinos da pulsão. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. I, pp. 133-174). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S.** (2006) Além do princípio de prazer. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. II, pp. 123-198). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S.** (2006) A organização genital infantil. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. XIX, pp.155-161). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1923)
- Freud, S.** (2007) O problema econômico do masoquismo. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. III, pp. 103-124). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1924)
- Freud, S.** (2007) Fetichismo. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. III, pp. 125-134). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1927)
- Freud, S.** (2006) O mal-estar na civilização. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. XXI, pp.67-148). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1930 [1929])
- Freud, S.** (2006) Sexualidade Feminina. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. XXI, pp. 231-251). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1931)
- Freud, S.** (2006) Feminilidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (vol. XXII, pp.113-134). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1933 [1932])
- Freud, S.** (2007) A cisão do Eu no processo de defesa. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*, (vol. III, pp. 171-180). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1940 [1938])
- Jorge, M.A.C.** (2010) *Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan: a clínica da fantasia*, vol. II. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Lacan, J.** (1995) *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1956-1957)
- Lacan, J.** (1998) A significação do falo. In: *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1958)
- Lacan, J.** (1998) Kant com Sade. In: *Escritos* (pp.776-803). Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1966)

- Lacan, J.** (2008) *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1968-1969)
- Lacan, J.** (2008) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1972-1973)
- Martinho, M.H.** (2011) *Perversão: um fazer gozar*. 2011. 341f. Tese (Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.pgpsa.uerj.br/pdf/Tese%20M\\_Helena.pdf](http://www.pgpsa.uerj.br/pdf/Tese%20M_Helena.pdf)>.
- Millot, C.** (1992) *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo, Brasil: Escuta.
- Pommier, G.** (1987) *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Safouan, M.** (1977) *A sexualidade feminina na doutrina freudiana*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Valas, P.** (1990) *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.